

“Arqueologia e Pré-História”: uma década de divulgação científica

Victor Guida¹, Pedro Tolipan²

E-mail para contato: vgfreitas.92@gmail.com

Resumo: A rede de divulgação científica “Arqueologia e Pré-História” atua na popularização do conhecimento sobre o passado da humanidade e da vida. Neste trabalho, buscamos relatar os impactos da atuação da rede durante o período de 2013 - 2022.

Palavras-chave: Popularização da ciência, Paleontologia, Meio Virtual

O “Arqueologia e Pré-História”

A rede “Arqueologia e Pré-História” é um projeto de divulgação científica em arqueologia e paleontologia criado em 2013 com o objetivo de contribuir para uma maior acessibilidade da população brasileira ao saber arqueológico (ARQUEOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA, 2013). De uma forma geral, o “Arqueologia e Pré-História” busca contribuir para o fortalecimento da arqueologia brasileira e do seu relacionamento com o público em geral através de várias frentes, como o incentivo à valorização do patrimônio arqueológico nacional, à formação de profissionais da área, à participação ativa de comunidades locais nas pesquisas arqueológicas, entre outras.

Além da arqueologia, o projeto passou a tratar de tópicos relacionados à paleontologia no começo do ano de 2020. A inclusão da paleontologia se deu não só pela proximidade entre as duas áreas, mas também por terem desafios similares em relação à divulgação científica e à preservação do patrimônio.

Para alcançar as metas almejadas, a rede age em diferentes plataformas. Em seu blog estão matérias e notícias em português sobre arqueologia e paleontologia, com destaque para produções brasileiras e de profissionais brasileiros. O blog conta também com páginas voltadas a responder perguntas frequentes do público sobre as disciplinas, como o que fazer quando encontrar um sítio arqueológico, artefato ou fóssil, como se tornar arqueólogo e paleontólogo, qual a legislação vigente sobre as duas áreas, entre outros. O projeto também está presente nas redes sociais (ex.: Twitter, Instagram e Facebook), onde compartilha as matérias do blog, *lives* e vídeos produzidos pelo projeto, os eventos nacionais de arqueologia e paleontologia, produz conteúdo específico para cada rede e responde a perguntas do público.

No canal do YouTube há a produção de vídeos sobre temas variados, incluindo evolução biocultural humana e indicações de leituras. Ademais, é nele que são realizadas *lives* com convidados especialistas em diversas temáticas das duas áreas, servindo não apenas para apresentar ao público temas pouco conhecidos em geral, mas também para incluí-lo no debate, divulgar o trabalho de

1 Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional/UFRJ e à Rede de divulgação científica “Arqueologia e Pré-História”

2 Vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Geociências do Museu Nacional/UFRJ e à Rede de divulgação científica “Arqueologia e Pré-História”

pesquisadores em início de carreira e mostrar a variedade de pesquisas feitas pela arqueologia e paleontologia brasileiras.

O projeto também dispõe de um e-mail para comunicação com o público, por onde responde a dúvidas gerais sobre paleontologia e arqueologia, orienta sobre processo de doações de fósseis e artefatos às instituições e recebe críticas e sugestões sobre o conteúdo produzido.

A trajetória do projeto

Criado pelo então graduando em arqueologia João Carlos Moreno de Sousa, o “Arqueologia e Pré-História” é a rede de divulgação em arqueologia mais antiga do país. Em seu início era gerido apenas pelo seu fundador, com conteúdo focado na pré-história brasileira e atuando principalmente através de matérias no blog, respostas a e-mails, postagens no Facebook e publicações no YouTube de entrevistas com profissionais proeminentes da arqueologia. Contava também com colaborações pontuais de pesquisadores na produção de matérias para o blog.

O projeto cresceu no decorrer dos anos, tanto em alcance de público quanto em abordagens de divulgação e temáticas, o que estimulou a admissão de diversos pesquisadores colaboradores. Atualmente é formado por 25 colaboradores das áreas de arqueologia, paleontologia, artes visuais e comunicação, os quais são estudantes de graduação, pós-graduandos, mestres, doutores e docentes.

Falando em alcance, ao longo dos seus 9 anos de atuação, o blog já obteve mais de 1.450.000 visualizações entre 165 países, com destaque para o Brasil, que representa cerca de 85% dos acessos (FERRAZ et al., 2022). Já nas redes sociais os números variam entre as plataformas. No Instagram e Twitter há cerca de 4 mil a 5 mil seguidores. Por outro lado, é no Facebook que há maior número de seguidores, chegando a quase 30 mil. Já no YouTube, o canal recentemente atingiu a marca de 6 mil inscritos e pouco mais de 140 mil visualizações.

Considerando o acesso em todas as plataformas, o público é, em maioria, brasileiro, masculino (mas com pouca diferença, sendo 51% no YouTube e Facebook, enquanto o feminino é 49%), entre 18 e 34 anos. O intervalo de idade se distribui diferentemente ao longo das redes sociais e no YouTube. Enquanto no primeiro a faixa dominante é entre 25-34 anos (em ambos os gêneros), no YouTube há o predomínio da faixa 18-25 anos. Além do público nacional, o projeto alcança outros países lusófonos como Portugal, Angola e Moçambique, e demais países como EUA, Argentina e Espanha (FERRAZ et al., 2022).

É através do e-mail que o projeto estabelece uma comunicação mais próxima com o público. A maioria dos contatos se destina à identificação de materiais que os contactantes acreditam serem de origem paleontológica e/ou arqueológica. Essa “consultoria” prestada auxilia em esclarecer inúmeros equívocos e fornece indicações de museus ou centros de pesquisa para doação do material encontrado. Apesar da indicação, é notória a resistência do público em doar seus materiais para as instituições, embora alguns tenham permitido que os artefatos sejam analisados por pesquisadores. Ademais, para alguns dos colecionadores que tinham maior receio de perder seu acervo, a

produção de pontas líticas foi usada como incentivo e forma de desenvolver boas relações, havendo até escavações em suas terras.

Ainda que escassa, a doação de material arqueológico tem contribuído para a construção do conhecimento arqueológico a respeito de culturas pretéritas do território brasileiro. Um exemplo é a doação de pontas líticas encontradas na região central do estado de São Paulo para a coleção do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (LEEH-USP), que possibilitou que se conhecesse melhor a distribuição geográfica de uma indústria lítica chamada Rioclarense, culminando na publicação destes resultados em um periódico (MORENO DE SOUSA; OKUMURA, 2020).

Outro desdobramento da atuação do projeto foi o convite para organizar um simpósio na oitava edição do *World Archaeological Congress* a respeito do uso da internet como ferramenta de popularização do conhecimento arqueológico (WAC, 2016). As discussões no simpósio resultaram no convite para a elaboração de um artigo para a *Encyclopedia of Global Archaeology* sobre divulgação científica na arqueologia (MORENO DE SOUSA, 2018).

A rede também serve de suporte para cativar novas gerações, seja através do conteúdo produzido na internet ou por cursos e palestras dados em eventos de extensão e acadêmicos. Por conta do contato com a rede, algumas pessoas ingressaram na iniciação científica e na pós-graduação buscando a carreira na arqueologia. O caso mais recente ocorreu em 2021, quando uma graduanda ingressou como estagiária de iniciação científica no LEEH-USP após participar de um curso introdutório à arqueologia oferecido no evento Clubes de Ciência Brasil.

O projeto renova-se constantemente com a contínua entrada e saída de membros, buscando a participação de interessados na popularização das áreas que lidam com o passado do planeta e da humanidade. Dado a necessidade da inclusão de grupos minoritários, o projeto tem priorizado a incorporação de cientistas negros, indígenas, mulheres, LGBTQIA+ e de regiões historicamente negligenciadas, como norte, nordeste e centro-oeste. Dos 25 membros atuais, metade pertence a uma ou mais dessas categorias e há intenção de aumentar essa porcentagem ao longo do tempo por meio de novos processos seletivos.

Considerações finais:

O impacto deste projeto pode ser mensurado no alcance de seus materiais produzidos, no atendimento ao público via e-mails, na participação ou organização de eventos da área, no contato com a comunidade e sua participação na pesquisa ou até mesmo cativando pessoas para área. Tendo isto em vista, o projeto cumpre um papel importante ao longo destes quase 10 anos em promover a popularização dos conhecimentos sobre o passado.

Referências:

- ARQUEOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA. Sobre nós. In: *Arqueologia e Pré-História*. 2013. Disponível em: <https://arqueologiae-prehistoria.com/sobre-os-autores-do-site/>. Acesso em: 30 maio. 2022
- FERRAZ, J. S.; GUIDA, V.; RESENDE, P.H.S.; PIERRO, R.; MORENO DE SOUSA, J.C. Construindo conhecimentos da arqueologia

e da paleontologia através de mídias digitais. In: MARTIRE, A. S.; PORTO, V. C. (org.). **(Des)construindo Arqueologias Digitais**. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2022. p. 210–226.

MORENO DE SOUSA, J. C. Internet Use for Archaeological Education. In: SMITH, C. (org.). **Encyclopedia of Global Archaeology**. Cham: Springer International Publishing, 2018. p. 1–10.

MORENO DE SOUSA, J. C.; OKUMURA, M. A new proposal for the technological analysis of lithic points: Application for understanding the cultural diversity of hunter gatherers in Eastern South America. **Quat Int**, v. 562, p. 1–12, 2020.

WAC - WORLD ARCHAEOLOGICAL CONGRESS. General program. In: **WAC-8**. 2016. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160912071718/http://wac8.org/academic-program/accepted-sessions-2/accepted-sessions-list/>. Acesso em: 30 maio. 2022